

Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Hilário de Poitiers, Ambrósio, Jerónimo, Efrém, Agostinho (ao qual dedica, em exclusivo, cinco catequeses), João Clímaco, Beda o Venerável, João Damasceno, Rábano Mauro, João Escoto Erígena, Cirilo e Metodios, Pedro Damiano, Anselmo, Pedro o Venerável, Bernardo de Claraval, Guilherme de Saint-Thierry e João de Salisbúria.

Sempre com exposição clara e de leitura atraente, como é próprio dos escritos de J. Ratzinger / Bento XVI.

LUÍS SALGADO

PASTORAL

BERGOGLIO, Jorge Mario – PAPE FRANÇOIS, **Seul l'amour nous sauvera**, Parole et Silence, Paris, 2013, 190 p., 210 x 140, ISBN 978-2-88918-188-9.

Em pouco tempo, o Papa Francisco tem surpreendido o mundo pela frescura evangélica dos seus setenta e seis anos, uma frescura com a qual se propõe contagiar a Igreja de que se tornou pastor universal. O seu exemplo de pastor que foi antes de assumir as atuais funções tem sido evidenciado por muitos. Mas também o que ele pensa sobre como devem ser a verdadeira Igreja de Cristo e os pastores que dela cuidam como do Seu rebanho. Em destaque têm sido postas a sua simplicidade, o seu sentido da fraternidade, da ternura e da misericórdia, mas também o da sua exigência de radicalidade evangélica, incluindo o regresso – tão badalado nos tempos pós-Vaticano II – a uma Igreja serva e pobre. Muita coisa poderá mudar na Igreja sob a sua liderança. Muita coisa também começa a ser conhecida ou melhor conhecida, sobre o que ele pensa a propósito da Igreja e da pastoral.

Este livro colige uma série de textos daquele que era então o Arcebispo de Buenos Aires e Cardeal Jorge Bergoglio, recolhidos de várias das suas intervenções públicas. Neles poderá o leitor encontrar pensamentos sobre coisas como a presença de Jesus na cidade, a abolição da (atual) escravatura, a educação na harmonia, a necessidade de escutar a voz dos mais fracos, a precedência do casamento sobre o Estado, a dívida pública e a justiça social, a necessidade da oração, a necessidade de o cristão evitar ser como o fariseu no tempo da parábola e, antes, se reconhecer pecador, a alegria do reencontro, a necessidade de estarmos próximos uns dos outros, etc. etc.

São sobretudo homilias, em estilo muito simples, despretensioso, evangélico, indo direito à vida concreta das pessoas. A sua leitura só pode fazer bem, que para proveito próprio enquanto ouvintes da Palavra quer, enquanto pastores, para tomar como exemplo de como levar o Evangelho aos que dele carecem.

LUÍS SALGADO

ESPIRITUALIDADE

HUBAUT, Michel, **Un monde en quête de sens**, coll. « Épiphanie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 208 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09988-2.

O autor deste livro – franciscano, conferencista e animador de retiros e de sessões de formação – parte de uma dupla constatação de fundo: por um lado, a de um mundo onde a fé cristã tradicional esmoreceu e mesmo, em boa medida, desapareceu, com ela desaparecendo aquele sentido da vida que dela recebia luz; por outro, a de que, não obstante a sua ausência – seja nos que

andam em busca de formas religiosas de substituição (religião *à la carte*, esoterismos, etc.) seja nos que vivem em aparente ausência de toda a fé e toda a prática religiosa (caso dos «ateus tranquilos») – permanece latente a necessidade de um sentido para a vida. Os próprios cristãos praticantes acabam, não raro, baralhados com a situação cultural e religiosa deste tempo. Uns barricam-se na fortaleza do integrismo fundamentalista, enquanto outros acham que muitos elementos da religião cristã carecem de ser modernizados, adaptando-se à nova cultura que está aí. Também nestes casos, está latente, de outro modo, a questão do sentido da vida. Ora, é precisamente nessa inquietação por um sentido que radica a fé. Por isso é verdade que os próprios descrentes têm a sua própria fé em qualquer coisa, fé que lhes proporciona o (seu) sentido para a vida: família, amizade, solidariedade, etc.

Michel Hubaut tem em conta que «a fé é um itinerário, uma viagem de longo curso, uma história sempre em construção, uma parturição, um êxodo, uma dúvida incessantemente a ultrapassar» (p. 11). Ela transmite-se essencialmente através do testemunho, que não através de «cruzadas de fé de quem se presume detentor de toda a Verdade, cheio de altivo desprezo para com os que têm dúvidas ou se põem legítimas questões» (p. 10). Consequentemente, propõe-se, nas páginas deste livro, não converter ninguém nem sequer fazer a apologia da fé cristã, mas ajudar quem quer que seja a arriscar o caminho dinâmico da fé, neste mundo tal como o encontramos. Não oferece mapas de estradas, em ignora as dificuldades. Nem assume uma postura moralizante e de condenação. Mas, como bom discípulo de S. Francisco, procura oferecer ao homem e à mulher fragilizados deste tempo pontos de referência e estímulo ao fazerem caminho, na expectativa de

uma verdadeira Boa Notícia que lhes traga consigo o verdadeiro sentido da vida. E sempre sem perder de vista que nós, os discípulos de Cristo, precisamos de «escutar e procurar compreender o que o Espírito nos pode dizer através da imagem deformada da fé cristã que, por vezes, o espelho do mundo nos devolve».

RAUL AMADO

GARCÍA ÁLVAREZ, OSA, **La Paz, un camino hacia Dios. Fray Luis de León, Maestro de vida espiritual**, col. «Espiritualidad Agustiniana», Editorial Agustiniana, Guadarrama (Madrid), 2013, 200 p., 210 x 125, ISBN 978-84-92645-35-0.

Um dos maiores poetas espanhóis do século XVI, Frei Luís de León, que também foi teólogo, escriturista, e filósofo do direito, foi também grande mestre espiritual. O autor deste livro vai buscar ao seu pensamento escrito inspiração para uma série de quinze meditações centradas na ideia tão agostiniana da paz interior, ou do coração. Precisamente o coração é o objeto da sua primeira meditação. Depois, sucessivamente, são oferecidos ao leitor orante temas como os da escuta interior, da Palavra de Deus, de Cristo como «imagem de Deus invisível» e Seu Filho muito amado, caminho, verdade e vida do homem, que precisa de nascer no seu coração. A paz que ansiamos depende d'Ele mas depende também de nós, chamados a ser construtores da paz. Mas é sobretudo obra de graça, em que a Eucaristia tem um papel de relevo. Maria é apresentada como modelo dessa escuta interior, mãe e modelo da nossa vida. Também o santo Job é apresentado como modelo, neste caso quando a paz está perturbada pelo